



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO E A MEDIAÇÃO JUNTO A CRIANÇAS COM
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS/MS**

TRES LAGOAS

2021

CLÉZIO APARECIDO DIAS BORGES

**ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO E A MEDIAÇÃO JUNTO A CRIANÇAS COM
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS/MS**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado sob a orientação da Profa. Dra. Ligiane Aparecida da Silva como elemento obrigatório para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

TRES LAGOAS

2021

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como foco minha experiência com Estágio não obrigatório possibilitado pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL), em parceria com o Centro de Integração Empresa Escola (CIEE).

O estágio se constituiu em atividade remunerada e foi realizado em uma escola municipal localizada em um bairro da periferia do município Três Lagoas-MS. O período de realização foi de dois anos, com início em agosto de 2018 e encerramento em agosto de 2020, com carga horária diária de 4 horas, totalizando 20 horas semanais.

Neste relato discorrerei sobre minha experiência como estagiário responsável por acompanhar o processo de aprendizagem e desenvolvimento de um aluno com necessidades educativas especiais, matriculado no 5º ano do ensino fundamental, no ano de 2018. Segundo relatos da família, o aluno, oriundo de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, já havia sido rejeitado em algumas escolas pelo seu histórico de criança agressiva, comportamento decorrente de dois transtornos diagnosticados – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD) –, o que o deixava agitado e exigia acompanhamento constante de um(a) docente no espaço escolar.

Este relato apresenta algumas vivências que me foram oportunizadas junto a este aluno. Discorro também sobre o amplo trabalho do estagiário, gratificante e, ao mesmo tempo, repleto de desafios e novos aprendizados. No decorrer da experiência conheci pessoas comprometidas e especiais que me auxiliaram na realização de um trabalho novo, sobre o qual conhecia apenas a dimensão teórica estudada nas disciplinas do curso.

Neste trabalho relato como cresci e aprendi com os(as) alunos(as), professores(as) e com todos que fazem parte daquela instituição escolar, com a qual me orgulho de ter contribuído, onde fiz amigos que trago comigo e, principalmente, onde adquiri conhecimentos com o jovem que tive o prazer de acompanhar. Apesar das dificuldades iniciais e algumas diferenças de opinião que surgiram no decorrer do período em passamos juntos, pude perceber o quanto foi gratificante ter seguido adiante e ter encarado os desafios dentro e fora das salas de aulas. Devo ao curso de Pedagogia da UFMS, campus de Três Lagoas, a oportunidade de viver essa experiência enriquecedora.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Apresentar as contribuições do estágio não-obrigatório desenvolvido pelo autor em uma escola de educação básica do município de Três Lagoas para se pensar a mediação pedagógica junto a crianças com necessidades educativas especiais.

ESPECÍFICOS

- Relatar as experiências vividas no estágio não-obrigatório junto a um aluno com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD);
- Apresentar as intervenções pedagógicas realizadas a partir de conceitos pautados na Pedagogia Histórico-Crítica;
- Evidenciar a importância da mediação junto ao alunado da educação especial segundo pressupostos da Teoria Histórico-Cultural.

METODOLOGIA

Este relato de experiência foi desenvolvido a partir de vivências e observações do autor durante o estágio não-obrigatório em uma escola de ensino fundamental do município de Três Lagoas/MS. O trabalho foi realizado a partir da descrição das experiências vividas, fundamentadas em estudos desenvolvidos no curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Trata-se, portanto, de pesquisa de caráter bibliográfico, pautada no estudo de autores que contribuem para a compreensão do conceito de educação escolar e mediação pedagógica, tais como: Saviani (2012), Vigotski (1991) e Gasparin (2015).

DESCRIÇÃO DO CONTEXTO

Em agosto de 2018 iniciei o meu estágio não obrigatório pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas/MS, em uma escola de ensino fundamental do município. A oportunidade foi intermediada pelo Centro de Integração Empresa Escola (CIEE).

Havia procurado a Secretaria de Educação do município de Três Lagoas em busca de uma vaga de estágio relacionado à educação. Na ocasião, fui prontamente atendido e

orientado sobre uma vaga específica para o sexo masculino, em uma escola próxima do bairro onde moro.

No diálogo sobre a vaga, disseram-me que teria a liberdade de não aceitar, caso considerasse muito difícil. Questionei qual seria a dificuldade e me informaram que seria para o ensino fundamental, em uma sala de 5º ano, no período vespertino, como auxiliar de sala. No entanto, além de auxiliar a professora em suas atividades regulares, minha principal função seria acompanhar um aluno com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD).

O jovem, por vezes, manifestava-se um tanto agressivo, o que dificultava a permanência de estagiários para acompanhá-lo, sobretudo as estudantes mulheres. Relataram-me que o aluno fora acompanhado por um tempo por um estagiário, com o qual já tinha construído um vínculo, mas o rapaz teve que sair para trabalhar em outro local e isto o deixou mais agitado. Em síntese, o garoto não conseguia se relacionar com os demais estagiários contratados, pois os mesmos desistiam de acompanhá-lo e acabavam por assumir outras funções, em outras turmas ou junto a outros(as) alunos(as).

Na Secretaria me estimularam a aceitar o desafio como pedagogo em formação, já que o estagiário anterior, que acompanhara o aluno, cursava outra licenciatura. Contudo, deixaram claro que também teria a opção de não aceitar e que eles me encaminhariam a outras escolas. Foi neste momento que percebi que se tratava de uma oportunidade para aprender na prática, no espaço da sala de aula, um pouco mais a respeito do trabalho do professor. Aceitei a vaga e não via a hora de chegar o dia do retorno das aulas para conhecer o aluno e as demais pessoas que faziam parte da escola, já que as instituições estavam fechadas devido ao recesso acadêmico do mês de julho. Estava realmente ansioso.

Na primeira semana de agosto de 2018, com o retorno do recesso, iniciei o meu estágio na escola. Ao chegar na instituição me apresentei à direção, que logo me apresentou aos demais funcionários. Fui, então, levado à sala à qual fui designado para trabalhar e apresentei-me para a professora do 5º ano e alunos(as) da turma. Ao retornar para a sala da direção, foram-me repassadas todas as informações que consideraram necessárias sobre o aluno e sobre como agir em momentos de crise, como acalmá-lo, entre outras informações básicas a serem cumpridas, as quais me deixavam ainda mais ansioso para conhecer a tal criança de 11 anos.

Entretanto, não foi naquele dia o esperado encontro. O aluno havia faltado, não retornando com os demais das férias. Na verdade, informaram-me de que já estava

faltando antes do início do recesso pelo fato de a escola ter ficado sem um docente disponível para acompanhá-lo. Então, os pais preferiam deixá-lo em casa, ou até mesmo o levavam para o trabalho.

No dia seguinte cheguei cedo à escola para poder receber o aluno, que novamente havia faltado. Então, a coordenação me pediu para conhecer a escola, para ir me familiarizando com todos, e foi aí que aproveitei para conhecer melhor a professora e a sala que iria acompanhar, bem como os demais professores, estagiário e outros funcionários.

Os dias foram se passando e fui ficando mais próximo dos(as) alunos(as) e dos(as) funcionários(as), e sempre um ou outro funcionário me desejava boa sorte, dizendo que iria precisar muito, e me perguntavam se era calmo, porque teria que ter muita paciência, o que foi me deixando preocupado e aflito. Durante os oito primeiros dias em que ele faltou às aulas, minha ansiedade foi aumentando, juntamente com as dúvidas sobre minha escolha. Soube que geralmente chegava um pouco atrasado, então, comecei a esperá-lo até quinze minutos após o sinal na frente da escola, mas como não aparecia era encaminhado para outras atividades, para auxiliar outros(as) professores(as) e acompanhar o processo de aprendizagem de outras crianças.

No nono dia, aguardei os 15 minutos na portaria após sinal, fui para a sala dos professores, quando, de repente, uma das secretárias foi até a sala onde me encontrava e me chamou dizendo que a coordenação me aguardava na portaria. Fiquei ansioso, pois algo me dizia que tinha a ver com o aluno. Quando cheguei próximo à cantina, havia um garoto e dois adultos junto à coordenação, sentados em um dos bancos, e a única coisa que sentia no momento era medo de não saber como lidar com o estágio a partir daquele momento.

Logo me apresentaram os pais e o aluno e, no instante, senti que talvez não fosse tão complicado como imaginava. Após, fomos para sala de aula onde a professora já nos aguardava com nossas carteiras prontas junto à porta, uma ao lado da outra. A reação dos alunos para com o jovem foi bastante receptiva: alguns davam a boas-vindas, outras apenas olhavam e eu, como sempre, angustiado por não saber o que iria acontecer dali em diante, o que só iria solucionar com o passar dos dias.

Nos dois primeiros dias o acompanhando, já estava achando que todos os alertas sobre ele tinham apenas a intenção de me assustar, já que o estudante não havia feito nada de diferente na sala ou no intervalo das aulas, a não ser algumas travessuras esperadas de qualquer criança. No entanto, no terceiro dia, ele começou a demonstrar-se meio agitado e

um pouco alterado, tanto comigo como com os demais alunos da sala. Nada que não pudesse ser controlado, mas, mesmo assim, foi necessária uma intervenção da direção na sala, já que ele estava sendo desrespeitoso com algumas alunas. Os dias foram se passando e, a cada dia, eu conhecia uma nova fase da criança, que se mostrava um pouco agressiva e, ao mesmo tempo, muito carinhosa. Só convivendo com ele no dia a dia para entender.

Após a primeira quinzena do mês, para que ele não tirasse o foco da aula, a professora preparava algumas atividades diferenciadas para ele fazer na sala, como pintura, desenhos e colagem, entre outras. Em meados de agosto, o aluno passou a ficar mais agitado, principalmente com os colegas de sala e, no intervalo, tive que começar a acompanhá-lo mais de perto, já que não estava se dando bem com os demais alunos da escola. Seus colegas o excluía de algumas brincadeiras pelo fato de ele não ter noção de como usar a sua força. Na verdade, não é que não gostassem do menino, é que tinham receio de ele ficar nervoso, pois mudava rapidamente de humor.

Quanto às minhas atividades com o aluno na sala de aula e na escola, posso relatar que sentávamos em duas carteiras junto à parede próxima à porta. Na sala, além de acompanhar o aluno, também auxiliava a professora caso precisasse, mas o foco principal era ele, dentro e fora da sala. Como diziam os demais estagiários, eu agia como se fosse a sombra dele, enquanto eles ficavam conversando uns com os outros quando os alunos que acompanhavam iam brincar, eu não podia deixar o meu sozinho. Onde ele estava eu estava junto, o tempo todo, e isto era no intervalo e durante as aulas. Às vezes, quando começava a ficar agitado, eu era instruído a levá-lo para o pátio para que se acalmasse, o que nem sempre funcionava, visto que, diante de qualquer distração minha, ele fugia para a sala dos professores e para tirá-lo de lá era uma luta, o que atrapalhava reuniões ou mesmo o descanso de alguns docentes, coisas que já haviam acontecido antes. Em alguns momentos, confesso, eu o tirava da sala somente sob suborno, prometendo algum tipo de presente, o qual ele cobrava depois.

Fui percebendo, a partir de algumas reações e negações do aluno, que tudo o que fazia podia ser expressão de como era aproveitado o dia dele na escola. Talvez fosse coisa de minha cabeça, mas foi uma hipótese que levantei e tive dificuldade de evidenciar, já que quem o entregava aos responsáveis era a coordenação, o que dificultava meu diálogo com a família. As coisas começaram a clarear desde então, porque tudo o que acontecia durante as aulas e na escola eu relatava à direção e, assim, a direção repassava aos pais.

Observei que a prática de diálogo com a família alterava seu comportamento no dia posterior, pois, em alguns dias, ele se demonstrava bastante agressivo e, em outros, nem tanto. Houve um dia, inclusive, em que ele se levantou bravo com um colega dentro da sala e jogou uma cadeira em sua direção, quase acertando os demais colegas; em outros, virava a sua própria carteira para poder obter suas vontades, deixando os colegas de sala com bastante medo, e nesses momentos eu tinha que estar calmo para poder segurá-lo pela lateral do corpo, de maneira que não o machucasse, para ele se acalmar. Após esses momentos ele chorava um pouco e logo depois se mostrava carinhoso, como se pedisse desculpas. Nas vezes em que teve suas crises agressivas em sala, eram direcionadas a três ou quatro colegas da sala, os quais riam dele e não o deixavam jogar bola na quadra durante o intervalo. Com os demais ele agia quase sempre normalmente, em especial com três meninas da turma que não o tratavam com diferença. Uma delas, às vezes, ia até a sua casa para ele não ficar só. Com elas ele era muito carinhoso.

Houve um caso de ele não gostar de minha presença na carteira em que estava com a colega da turma e me agredir com tapas, empurrões e chutes, mas tinha consciência de que era apenas uma reação de momento, e a única coisa que poderia fazer era me defender sem machucá-lo, ao que ele respondia usando a mesma frase: “eu posso te bater e você não pode me bater”.

Após essas ocorrências houve uma reunião, a pedido da direção e da coordenação, com a presença da mãe, da professora e a minha, na qual foram expostas as atitudes dele. Conversamos sobre seus gestos diante da turma e agressões ocorridas durante as aulas, além de sua não participação nas aulas após o recreio nas quintas-feiras (Aula do Proerd). O motivo era o fato de ele atrapalhar o professor e dificultar a participação dos demais colegas, o que me obrigava a levá-lo ao pátio ou à quadra para brincar, isto quando aceitava sair da sala. Após a reunião que, para mim, não surtiu em efeitos muito positivos, fui percebendo que as falas da diretora e da mãe tinham alguns pontos em comum. Percebi que antes das férias não estava tão agressivo, que ele tinha apresentado um comportamento mais calmo antes do recesso, e que já estava ficando frequente a demonstração de carinho por parte dele. Porém, alguns funcionários não davam abertura para uma aproximação, para um abraço, e isto às vezes o deixava um pouco agitado. A mãe, por sua vez, percebia a mudança no filho, mas também identificava suas frustrações no caminho para casa.

Foi, então, que percebi que poderia tentar algo diferente para ajudá-lo a lidar com seus conflitos internos e externos, mas não sabia exatamente o quê. Procurei a direção da

escola e pedi para que me arrumasse uma cópia do laudo clínico do aluno e, prontamente, fui atendido. Também perguntei se me permitiam ter alguma forma de contato com os pais dele, ou que deixassem de vez em quando levá-lo até os pais na saída para trocar com eles algumas palavras, para poder, de uma forma ou de outra, saber mais sobre seu dia a dia fora da escola. A equipe gestora me permitiu ter acesso aos pais, desde que não opinasse sobre a vida dos familiares.

Naquele dia, após pegar o laudo, cheguei em casa, e no primeiro momento não entendia nada, por ser cheio de siglas e números. Resolvi pesquisar na internet o que não estava entendendo, o que me ajudou a vê-lo de uma forma diferente. Assim, fui tentando outras maneiras de agir e, a cada ação sua dentro da escola, já não repetia tanto o seu nome e evitava ao máximo dizer os “não” que sempre dizia, tais como: não mexe aí, não vá lá, fique aqui. Percebi que nem sempre se fazia necessário usar o não, que o estava fazendo por mero hábito, e com isto as coisas foram mudando um pouco.

Do dia quatorze de agosto de 2018, que foi quando conheci o aluno, até meados do mês de setembro do mesmo ano, eu e ele tínhamos uma relação relativamente difícil. Não somente os colegas de sala sofriam algum tipo de agressão, como eu também, mas mesmo assim dávamos, eu e a professora da turma, a máxima atenção a ele. Cabe ressaltar que a professora da sala o conhecia muito bem, o que me auxiliava muito na realização do trabalho.

Em sala de aula, comecei a ouvi-lo mais e, assim, tentar entender mais o porquê do seu comportamento. Comecei a acompanhá-lo mais de perto sempre que podia, e foi assim que, em um dos momentos de escuta, descobri que o pai que o acompanhava era seu (padrasto), pelo qual ele tinha um grande afeto e carinho. Após o ocorrido, procurei uma oportunidade de falar com a família.

Durante o pouco tempo em que conseguia falar com ele, buscava construir uma relação de confiança para que se sentisse seguro comigo, e com isso ele foi contando sobre sua vida em casa e fora da escola, das dificuldades que a família tinha. Contou-me que tinha uma irmã grande e que ela não ia sempre na sua casa para visitá-los, apesar de morar perto; relatou que seu padrasto era pintor, que a mãe o ajudava no trabalho e que, às vezes, ele ia ajudar também. Procurei mais informações junto à escola sobre a família e soube que realmente seu padrasto trabalhava esporadicamente na área de construção e que sua profissão, de fato, era pintor. Não tinha um emprego fixo, e sua mãe o acompanhava quase sempre para ajudar na renda da casa, porque quase sempre eles tinham uma grande dificuldade com o aluguel. Contudo, apesar das dificuldades, faziam

de tudo para que nada faltasse aos filhos, mas quase nunca sobrava dinheiro para comprarem roupas e outros artigos de necessidade básica, o que me fez repensar as atitudes do estudante dentro da escola.

Na segunda quinzena de setembro, quando conheci de fato os seus pais, fiquei muito feliz. Desta vez eu podia conversar com eles e sentia que era diferente. Logo de início o aluno nos apresentou, dizendo que eu era “o tio que cuidava dele igual ao outro tio”. Paramos por um momento em baixo de uma árvore, em frente à entrada da escola, e antes de irem embora, enquanto a criança foi ao bebedouro tomar água, perguntei ao seu padrasto sobre ela, que tentou, naquela rápida conversa, resumir um pouco a vida deles e a rotina da família.

Assim, fui percebendo que algumas atitudes do aluno tinham um pouco a ver com fatos que aconteciam em casa e, naquele momento, muitas coisas foram retornando à minha mente e se encaixando para mim. O jovem tinha a rotina de seus dias conturbada, principalmente em casa. Ao sair da escola, seu padrasto, na maioria das vezes, o esperava de bicicleta no portão para levá-lo para almoçar e, em outras vezes, a mãe era quem o buscava, e logo após almoçarem eles o levavam para o local de trabalho para que não ficasse só em casa. Na casa moravam a criança, a mãe e o padrasto, uma casa pequena de aluguel com apenas três peças, no fundo do quintal de um senhor.

Os dias iam passando e sempre procurava conversar com seus pais, para me aproximar mais de sua realidade, e ia relatando à professora da sala e à coordenação algumas coisas que me diziam, mas houve algo que foi me dito em uma das conversas que tive que omitir por uns dias. Foi quando seu padrasto relatou que todas as vezes que a mãe recebia reclamações da direção na portaria da escola, ficava nervosa por fazer de tudo para que ele melhorasse e, ao chegar em casa, quase sempre ele apanhava. A surra, segundo ele, dependia das reclamações, e era por isso que, na maioria das vezes, preferia ele mesmo ao sair do trabalho, passar para pegá-lo na escola, para evitar levar assuntos para casa, evitando, assim, que ele apanhasse novamente.

Foi quando comecei, eu mesmo, a entregá-lo em mãos, tanto para a mãe, quanto para o pai, e sempre que me perguntavam sobre seu comportamento eu dizia: “tranquilo” – independentemente de como estava sendo o meu dia ao lado dele. Isto fez com que a criança ficasse mais solta na escola, de várias formas. Quando apanhava em casa, por motivos outros, já vinha me contar ao chegar à escola, mesmo sem eu perguntar, e sempre relatava ser o culpado das surras.

As coisas foram melhorando, pois as aulas de apoio haviam retornado, antes suspensas por falta de profissional da área à disposição na escola. Com este retorno, as ações da criança se tornaram, aos poucos, menos agressivas. As melhoras ocorreram, possivelmente, devido às atividades propostas pela professora da sala de apoio, que nos informou que o aluno adorava desenhar e pintar em cartolinas e montar quebra-cabeças. Então, compramos quatro quebra-cabeças simples e deixamos guardados na sala de aula, para que fossem usados por ele, e as professoras dos anos iniciais deram para ele giz de cera, canetinhas, lápis de cor e umas cartolinas. Com isso, fomos percebendo que seu comportamento se modificava a cada dia.

Antes do final de cada aula a professora reservava um tempo de dez minutos para que ele pudesse cantar algo ou contar uma história na frente da lousa para a turma, e isto sempre lhe fazia bem. No início os colegas não deram muita atenção, mas depois foram se acostumando e colaborando, mesmo quando as histórias não faziam muito sentido para eles. Quanto aos desenhos que fazia, eram colocados na parede da sala pelo lado de fora para que todos pudessem olhar e ele adorava contar sobre cada um deles. Ficava irritado com alguns que riam, mas a atitude era passageira. No momento da saída seus pais iam olhar, e ele contava sobre cada desenho com muita imaginação, o que fazia muito bem para todos, já que, com essas mudanças, ficara evidente que a criança estava aprendendo e se desenvolvendo.

Ao discorrer sobre a relação entre aprendizagem e desenvolvimento, Vigotski (1977, p. 115) descreve que:

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente.

Como pontua o autor, para que haja desenvolvimento das funções tipicamente humanas é preciso que a criança aprenda, o que só pode ocorrer mediante relações sociais estabelecidas com o grupo. No caso da aprendizagem escolar, o que identificamos é que as relações de aprendizagem enriquecedoras promoviam o desenvolvimento do estudante, o que conseguíamos identificar no dia a dia, em convívio com ele.

Com o progresso mencionado, o estudante já conseguia brincar com os demais alunos no intervalo sem que provocasse algum tipo de briga, e aos poucos cessaram também os gestos e palavras inadequadas que geralmente proferia. Nossa aproximação deu a ele confiança para se aproximar mais de alguns colegas pelos quais se sentia mais acolhido. Contudo, o aumento da dosagem de remédios alterava seu comportamento, tornando-o novamente arredio em alguns dias.

Lembro-me do fim do ano, quando percebeu que não teria mais contato com algumas pessoas dali. Foi muito triste vê-lo tão alterado, pois parecia pedir algum tipo de ajuda, não para ele, mas para a situação em que vivia e por aqueles e aquelas que amava, porque, em sua perspectiva, ninguém queria ajudar, principalmente por achar que a situação pela qual estava passando era sua culpa. Deu a entender que já imaginava que aqueles eram os seus últimos dias naquela escola e que, por isso, tinha que se abrir e pedir ajuda, antes que todos se distanciassem definitivamente.

Dentro da sala estávamos sentados e ele desenhava um “restaurante” e, de repente, começou a ficar agitado e a atrapalhar a aula. Foi quando me levantei e pedi para que se sentasse e deixasse os seus colegas estudarem, e ele começou a chorar. Naquele momento, os demais alunos começaram a rir e, em um desabafo, o garoto disse aos colegas e a todos que ali estavam “que todos riam dele porque não tinha onde morar, porque eles não tinham roupa bonita para usar, porque sua mãe não tinha geladeira e o dono da casa havia brigado com eles e que todos estavam rindo porque ele era ruim e por isso ninguém gostava dele”, e depois se deitou no chão e ficou por ali alguns instantes, até que uma colega da turma (a qual gostava muito) conseguiu tirá-lo dali, e o levamos para o pátio.

Ficamos preocupados com tudo o que ele disse, e enquanto andávamos pelo pátio ele ficou um pouco mais calmo, até que o interroguei sobre o que havia dito e ele apenas ficou num canto da quadra em silêncio, sentado no chão, até que iniciou o intervalo e alguns colegas vieram ali tentar falar com ele, mas não houve diálogo. Após o triste relato, alguns dos professores se propuseram a auxiliar a família de alguma forma.

Nos dias seguintes, a criança faltou várias vezes e as justificativas eram as mudanças nas dosagens dos remédios passadas pelos médicos. Entretanto, na primeira quinzena de novembro, entre os dias 13 e o dia 17 de 2018, ele já estava bastante mudado. Mostrava-se mais carinhoso e feliz porque sua mãe havia ganhado uma geladeira e outras coisas para casa, graças ao apoio dos professores. Com as aulas se encerrando, alguns alunos já não estavam indo, exceto os que haviam ficado para exame.

Durantes esses dias o aluno foi poucas vezes à , e quando ia, estava sempre tranquilo e receptivo com todos. Parecia-nos uma forma de se despedir e nos agradecer pela companhia e vivências, já que, no ano seguinte, não estaria mais ali conosco e ingressaria em uma escola estadual. Há poucos dias da reunião de classe e do encerramento das atividades escolares, não o vimos mais na escola, e também não conseguimos mais contato com a família, mas logo veio ao nosso conhecimento o fato de que teriam se mudado para um bairro distante da escola.

Reconhecemos as dificuldades enfrentadas pela escola e profissionais da educação durante o período em que o garoto esteve presente, mas é inegável o aprendizado que a situação possibilitou a todos. Apesar das agressões verbais e físicas, tivemos os momentos bons, e por isso mesmo me senti chateado por não termos feito uma despedida e pela falta de oportunidade de uma conversa final. Ainda tínhamos a esperança de que seus pais o levariam na festa de formatura da turma dos quintos anos do ensino fundamental, mas, infelizmente, eles não compareceram. E foi desta maneira que se encerrou o meu vínculo com a criança.

RESULTADOS OBSERVADOS

De acordo com Saviani (2003, p. 17), “a educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

As semanas foram se passando e, a cada dia, eu ia conhecendo uma nova fase do aluno, que se demonstrava um pouco agressivo e, ao mesmo tempo, bastante carinhoso. Após a primeira quinzena do mês, para que não se dispersasse da aula, a professora disponibilizava atividades diferenciadas para ele, como pintura, desenhos e colagem, entre outras. Por isso, reconheço que dentro da escola o que fazemos já está produzido, está no currículo escolar e assim precisamos proceder, afinal, a escola é o ambiente que dará aos estudantes o acesso ao conhecimento historicamente acumulado para que se humanize e possa participar mais ativamente do meio em que vive. Neste sentido, acredito que todas as crianças devem ter acesso a estes conhecimentos, ainda que por meio de adaptações curriculares que não representem prejuízos para seu processo de humanização.

Para ser, de fato, inclusiva, a escola pública precisa receber as crianças sem fazer distinção e garantir a sua permanência no espaço com a devida qualidade. Entendo que

ensinar aos alunos aquilo que a escola já tem fundamentado em forma de currículo é correto, mas é preciso que as barreiras do meio sejam retiradas, pois o problema não é a criança e suas condições de vida, e sim os obstáculos que a impedem de aprender e se desenvolver. Portanto, para que os conteúdos do currículo sejam ensinados e aprendidos, é preciso, principalmente no caso de crianças com necessidades educativas especiais, que a comunicação seja realizada a partir de diferentes meios, o que procuramos realizar no período em que a criança esteve conosco na escola.

Com relação às práticas educativas, as crianças precisam aprender os conteúdos científicos, pois é esta a função da escola: criar condições para o acesso adequado à cultura historicamente acumulada. Saviani (1999; 1995; 2011), entretanto, defende que o ensino desses conteúdos parta da realidade daquele(a) que aprende, ou seja, da prática social vivenciada pelas próprias crianças. Esta prática, sob a mediação do professor, será investigada em suas raízes para que uma nova perspectiva seja construída em relação ao objeto e que uma nova visão, mais elaborada, surja como resultado.

Para Vigotski (1991), a aprendizagem decorre de um processo interpessoal (relações entre pessoas) para, como consequência, tornar-se intrapessoal (conhecimento pertencente ao indivíduo). Por este motivo, procuramos, em nossas relações com o referido aluno, promover o constante diálogo, interação entre as crianças, momentos de estudo e brincadeiras, processo de avaliação, considerando sempre as suas particularidades.

É preciso que o docente tenha consciência acerca do nível de desenvolvimento real das crianças e de suas potencialidades. Assim, poderá elaborar intervenções que façam sentido para ele, que partam de sua realidade e que sejam desafiadoras, mas passíveis de serem solucionadas com a devida orientação e apoio.

Olhar para a experiência do estágio não obrigatório e o trabalho pedagógico junto a uma criança com necessidades educativas especiais me permitiu pensar nas condições das crianças das classes populares, tão defendidas por Saviani (1995; 1999; 2011) em sua *Pedagogia Histórico-Crítica*. Nosso aluno vivenciava dificuldades de ordem financeira e afetivo-emocional em casa, o que comprometia ainda mais sua aprendizagem e desenvolvimento. Por muitas vezes, tive que considerar o contexto em que vivia para não agir por impulso e excluí-lo ainda mais de seu direito de estudar, aprender e viver dignamente.

Não poderia afirmar que a experiência foi fácil e sempre prazerosa, pois os desafios foram muitos. No entanto, me possibilitaram muito aprendizado e me levaram a

relacionar os conteúdos estudados na universidade com a prática cotidiana da escola. Compreendi que, para aprender e se desenvolver, todas as pessoas devem ser acolhidas pela escola, respeitadas em sua individualidade, consideradas como sujeitos de direito, auxiliadas em suas dificuldades, estimuladas a aprender cada vez mais e percebidas pelas pessoas que com ela convivem.

Espero, como futuro professor de escola pública, dar sequência ao trabalho realizado e contribuir para a construção de uma escola afetuosa, humanizadora e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estágio realizado entre o mês de agosto e dezembro de 2018, percebi o quanto foi gratificante e faz falta estar próximo daqueles que te levam para a frente, aqueles que te fazem querer ser melhor, sem passar por cima das outras pessoas. Aprendi neste tempo como ser paciente quando tudo parece difícil.

Não devemos escolher a quem vamos ensinar. Com este aluno foi um aprendizado imenso, e para minha formação acadêmica foi fundamental, pois pude aprender na prática como trabalhar com um aluno com necessidades educativas especiais na prática.

Ao aceitar a vaga disponível para o estágio senti certo receio, mas mesmo assim optei por enfrentar o desafio, sabendo o quanto poderia ser importante para minha formação. No curso de Pedagogia aprendi que precisamos de fundamentos teóricos para que nossas intervenções pedagógicas tenham a devida qualidade e sejam, de fato, efetivas.

Quando me incumbiram da tarefa de acompanhar a criança, percebi que já havia adquirido certos conhecimentos para enfrentar de modo adequado aquela situação. Aprendi com a situação a ser mais paciente e a escutar mais, e assim conseguir identificar o que o outro precisa sem julgamentos.

A experiência me fez buscar a capacitação necessária na universidade, o que foi muito gratificante. Hoje, se estou finalizando o curso de Licenciatura em Pedagogia pela UFMS, Campus de Três Lagoas-MS, com esta bagagem, é graças a grandes profissionais da área de Educação, como os meus professores do curso, que foram sempre os meus maiores pontos de referência e meus incentivadores. Além disso, devo à equipe dos estágios e da escola que me recepcionou muita gratidão pelo apoio nos momentos em que me senti mais inseguro. Pude conviver naquele espaço com diferentes profissionais e seus

diversos modos de pensar e trabalhar, o que me levou a pensar em minhas futuras intervenções pedagógicas como professor efetivo.

Ganhei muita confiança durante o período do estágio. A cada dia, enxergava no aluno sua necessidade de atenção e afeto, e hoje levo este aprendizado para outros contextos de minha vida. Por fim, o Estágio me permitiu ter certeza da escolha que fiz: ser pedagogo. Agora, estimulado pela experiência, pretendo seguir estudando e cursar uma pós-graduação em Psicopedagogia Institucional.

REFERÊNCIAS

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 32. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LURIA, L. S.; VIGOTSKI, L. S.; LEONTIEV, A. N. **Psicologia e pedagogia I: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Lisboa: Estampa, 1977.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. Trad. José Cipolla Neto; Luis Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.